

A IMAGEM AMERICANA DE BELEZA FÍSICA E AS MUDANÇAS PROVOCADAS PELO “BLACK POWER” NA DÉCADA DE 60

Patrícia Anne Vaughan¹

Resumo

Uma breve análise das mudanças paradigmáticas ocorridas nos Estados Unidos na década dos 60, quando o lema “Black is Beautiful” foi adotado pela população negra para expressar um novo orgulho da sua origem africana. A imagem americana de beleza física até então tinha sofrido a influência nociva da cultura dominante dos brancos, principalmente através dos modelos propostos pelos filmes de Hollywood, como nos mostra Toni Morrison no seu romance *The Bluest Eye*. A partir dos anos 60, porém, a nova idéia de que negro também é belo começa a ser propagada pelo país através de um estilo muito próprio dos negros se vestirem e se penteadem e, sobretudo, no mundo das artes. Escritores como Langston Hughes e Lorraine Hansberry começam a ganhar popularidade nacional nas áreas de poesia e teatro, e um jovem bailarino, Arthur Mitchell, consegue tirar garotos e garotas das ruas de Harlem (bairro negro de Nova York) e montar o Dance Theater of Harlem, hoje conhecido internacionalmente.

Palavras-chave: mudanças paradigmáticas; influência; black power.

Abstract

The traditional American idea of blonde and blue-eyed beauty was powerfully influenced by the dominant white culture and made even more popular by the images projected in the films of Hollywood up until the 1960, as Toni Morrison makes clear in her powerful short novel, *The Bluest Eye*. However, at this time, the new idea that “black is beautiful” was adopted by the Negro population as a way of expressing ancestral pride in its African origins and showed itself concretely in a new way of dressing, in a new hair style (aptly called the “afro”) but, above all, in the world of art and culture. Talented black writers such as Langston

Hughes and Lorraine Hansberry made their presence felt on the literary scene and soon gained national popularity in the areas of poetry and drama. A young black man, Arthur Mitchell, took young people off the streets of Harlem and introduced them to the world of dance. Today the Dance Theater of Harlem is known internationally.

Key words: changes; influence; black power.

INTRODUÇÃO

Até o início da década de 60 a população negra americana ainda vivia como uma minoria étnica pobre, desprezada por uns e ignorada por outros, sem uma identidade própria e sem a auto-estima que lhe permitiria crescer e se desenvolver como seres humanos.

Mais sério, ainda, foi privada dos direitos civis mais básicos num país onde seus antepassados trabalharam nas grandes plantações de algodão e de fumo do sul, na época da escravidão, assegurando assim o crescimento da economia nacional e, mais tarde, seus jovens participaram de importantes campanhas militares na primeira grande guerra mundial na Europa, muitas vezes à custa de sua própria vida.. A partir dos anos 60 este quadro começa a mudar. Sob a liderança da *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP), do carismático Martin Luther King, Jr., do enigmático Malcolm X e tantos outros, os direitos civis dos negros foram finalmente conquistados em atos aprovados pelo Congresso em 1964 e 1968. Em 1965 também foi aprovado o seu direito de votar. Esta legislação nominalmente proibia discriminação contra a população negra nos Estados Unidos em qualquer área pública, em escolas e no mercado de trabalho e deu a este povo tão sofrido os direitos de cidadania que foram negados por tanto tempo.

¹ Professora Visitante do Departamento de Letras Estrangeiras, Universidade Federal do Ceará.

Os movimentos populares que surgiram durante este período deixaram marcas profundas na história dos Estados Unidos. Entre eles podemos citar o *Black Power* que, mais do que o nome de um movimento político, era um termo que expressava o desejo do povo negro de ter o poder dos seus direitos como cidadãos americanos. O *slogan* que nasceu deste movimento, “*Black is Beautiful*”, mostra claramente o novo despertar de orgulho da sua origem e da sua raça. Surge, então, um novo nome, “*Afro-americano*”, para identificar a comunidade negra americana. Este nome é significativo, pois não indica a cor da pele (negra), e sim a raça, a origem de um povo.

Todos estes sentimentos e os conflitos que muitas vezes eram conseqüências deles nas décadas de 50 e 60, são registrados para sempre na literatura dos Estados Unidos. Nomes de grandes escritores afro-americanos, que retratam o sofrimento e os sonhos do seu povo neste período crítico da sua história, hoje têm seu lugar reservado no rol dos maiores escritores do país. Langston Hughes (1902-1967), com seu poema, “*A Dream Deferred*” (1951), avisa que a questão dos direitos dos negros está no ponto de explodir se não for resolvido rapidamente. Lorraine Hansberry (1930-1965), autora de *A Raisin in the Sun* (1958), a primeira peça apresentada no Broadway escrita por uma mulher afro-americana, mostra os problemas vividos pela comunidade negra em relação à branca. Alice Walker (1944 -), nos seus romances e contos, retrata problemas existentes entre os membros da própria comunidade negra. Toni Morrison (1931 -), a primeira mulher afro-americana a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura (1993), de certa forma, junta todos estes elementos nos seus escritos, embora com um toque muito especial. Focaliza a mulher negra, seus problemas, seus desejos e seus sonhos. E, por tratar da mulher, é lógico que também trata de outro assunto que é universal, mas com características específicas a cada nação, a cada povo — o da beleza física

A VISÃO DE MORRISON E OS CRÍTICOS

No seu livro, *The Afro-American Novel and its Tradition*, Bernard W. Bell coloca Toni Morrison ao lado de outros autores americanos negros, como por exemplo, Alice Walker, quando ele fala da sua capacidade de integrar realismo poético com a tradição gótica, uma forma de escrever sobre o estranho e o bizarro, que de alguma forma caracteriza todos os escritores sulistas americanos. As passagens líricas que constantemente aparecem nos escritos de Morrison justificam o termo “*realismo poético*” e, sem dúvida nenhuma, seus romances se encaixam na categoria de que Bell chama de “*fábula gótica*” e que define como “*uma pequena narrativa poética cuja celebração da beleza, da verdade e das possibilidades da vida humana se baseia na exploração da sua magia, seu mistério e, sobretudo, o seu terror.*”

Bell afirma que o tema e o estilo dos romances de Morrison são um “*excelente exemplo de vinho velho guardado em garrafas novas.*” Sua ênfase no impacto de racismo e discriminação sexual na vida de mulheres negras americanas é bem mais complexa e, portanto, mais polêmica do que a visão deste mesmo assunto apresentada por escritores na década de 60. Principalmente em *The Bluest Eye* (1970) e *Sula* (1973), seus primeiros romances, ela junta fatos com ficção numa liberdade poética e visão gótica característica de escritores modernistas e pós-modernistas. Seu estilo literário, que combina percepção de mínimos detalhes com o uso singular de metáfora e metonímia (em que uma idéia é expressa através da sua associação com outra idéia) fornece ao leitor da sua ficção momentos de prazer e uma nova compreensão do mundo em que vivemos.

Seus personagens são excêntricos e/ou deficientes, resultado de sua condição de ser negro numa sociedade que caracteriza sua humanidade por mitos de economia, raça e sexo. Mas eles continuam a perseverar nas suas tentativas de enfrentar e superar os obstáculos que impedem sua auto-estima, sua liberdade e sua plenitude como seres humanos. E é este o tema que impregna toda a obra de Morrison.

No seu artigo “*Toni Morrison’s Allegory of the Cave: Movies, Consumption and Platonic Realism in The Bluest Eye*”, Thomas H. Fick comenta que o primeiro romance da autora é:

uma exploração muito bem feita de racismo na América do século XX, em que é dado lugar de destaque à herança da civilização ocidental. Como Ralph Ellison que, no seu conhecido romance, The Invisible Man, faz inúmeras referências aos poetas Emerson e Whitman, Morrison reconhece a importância de literatura e filosofia ocidental para a experiência afro-americana na América: de alguma forma The Bluest Eye ocupa um lugar bem mais radical do que The Color Purple, a obra prima de Alice Walker que, apesar das suas muitas qualidades, não considera a base intelectual e econômica sobre a qual se construiu o racismo americano e que, conseqüentemente, é mais fraco na apresentação dos seus personagens e seu desenvolvimento pessoal.

Assim, o “*vinho velho em garrafas novas*” é uma metáfora bem apropriada para descrever a obra de Toni Morrison. Ela escreve sobre o problema de racismo nos Estados Unidos, que não cessou com o esforço dos movimentos de *Black Power* na década de 60, mas dá nova vida a este tema pois coloca os seus personagens na América de hoje, dentro dos parâmetros sociais, econômicos e intelectuais que marcam o país no presente momento. O resultado é uma identificação imediata, da parte do leitor, com o ambiente em que as histórias se passam e, é de se esperar, desperta neste mesmo leitor, um novo sentimento de solidariedade com os personagens sofredores que Morrison desenha com tanta precisão.

ANÁLISE DO ROMANCE THE BLUEST EYE – BLACK IS BEAUTIFUL??

O romance conta a história de uma família negra e pobre que vive numa pequena cidade no estado de Ohio, na década dos 40. Sua protagonista é um menina negra, Pecola, a qual pensa que se puder imitar a imagem de Shirley Temple, com seus olhos azuis, e as imagens de Dick and Jane e sua família perfeita, como são apresentados num livro de leitura usado para a alfabetização de crianças nas escolas americanas na época, ela também terá uma vida tão feliz quanto eles. A importância desta obra vai muito além do seu valor literário. Morrison se dirige às massas populares, tanto pretas quanto brancas, demonstrando como um sistema social racista destrói a mente e a alma do seu povo. Mostra como as imagens dominantes de heróis e heroínas brancos, de olhos azuis, cabelos loiros e vidas perfeitas, transmitem para as crianças negras a mensagem de que ser branco significa ser belo, ter sucesso e felicidade. Assim, quando percebem que sua vida é de pobreza e de opressão, começam a odiar a herança cultural que as distancia do mundo de Dick e Jane. É claro que Morrison não tem como resolver estes problemas, mas apresenta um retrato do mundo que não pode considerar-se justo. Assim, através do romance, a autora usa seu próprio olho crítico para revelar ao leitor o mal que causa uma sociedade que é impregnada pela idéia de que o branco é belo e o preto é feio.

A própria estrutura física do livro demonstra o quanto e por quanto tempo as idéias dos brancos a respeito da família e da sociedade têm sido impostas sobre a cultura dos pretos. Em vez de capítulos tradicionais, *The Bluest Eye* é dividido em quatro seções, representadas pelas estações – outono, inverno, primavera e verão — sugerindo que os acontecimentos que marcam a história já têm ocorrido antes, e ocorrerão novamente, que eles fazem parte de uma condição de onde não se pode escapar. Essas quatro seções são divididas em capítulos, cada qual encabeçado por extrato tirado do livro de *Dick and Jane*, que retrata fielmente o tipo de vida que levava na época uma família americana branca de classe média.

Os nomes dos personagens são importantes no romance, pois frequentemente são simbólicos de condições sociais no contexto da história. O nome do próprio romance, *The Bluest Eye*, tem o objetivo de mostrar ao leitor o quanto são valorizadas meninazinhas bonitas, de olhos azuis e cabelos loiros, numa sociedade predominantemente branca. Pecola e sua família são representantes da comunidade minoritária afro-americana, e seu sobrenome, “Breedlove” (*espalhar amor*, literalmente) é, no mínimo, irônico, pois eles definitivamente não *espalham amor*. Pelo contrário, espalham ódio — ódio de sua própria condição de negritude. As amiguinhas de Pecola, Cláudia e Frieda McTeer (também negras) se consideram lisonjeadas quando um vizinho, Mr. Henry, as cumprimenta dizendo: “Como vão vocês? Você

deve ser Greta Garbo e você deve ser Ginger Rogers.’ O louco, Soaphead Church (*cabeça de sabão igreja*, literalmente), certamente representa o papel religioso na comunidade afro-americana. “*Eu fiz um milagre! Eu dei os olhos a ela! Eu lhe dei os olhos azuis, azuis, dois olhos azuis*” exulta o Soaphead. Aqui Morrison parece estar dizendo que a promessa da religião de que, se você adora Deus e faz orações a Ele, tudo na sua vida vai ficar bem, não é mais confiável do que a ilusão que Soaphead cria em Pecola de que ela agora possui dois olhos azuis. O significado do nome de Pecola se revela através de um momento quando uma colega branca de colégio confunde o nome da menina com o nome de uma personagem no filme *Imitação da Vida* (*Imitation of Life*). Através desta ligeira confusão, entende o leitor que a vida da Pecola é uma imitação da experiência de viver como os brancos e não como as mulheres da comunidade negra: ela vive num mundo imaginário onde ela é bela e aceita por todos, como se fosse num filme.

The Bluest Eye é um romance que expressa raiva. Não ódio, mas sim, raiva. Mesmo assim, a raiva é controlada. Talvez porque na literatura afro-americana é preciso expressar raiva de uma maneira ordeira, se não, a falta de controle na maneira de expressá-la pode fazer com que não surta efeito. No entanto, a narrativa não termina em desespero — Morrison nos mostra que, tanto *raiva* como *comunidade* podem oferecer redenção. Mas cada qual representa um perigo. A raiva pode criar senso de justiça e percepção do real valor pessoal, mas se torna perigosa quando é desviada do seu próprio alvo. Enquanto Cláudia McTeer, a amiga de Pecola, amadurece e confronta com coragem a sociedade racista, Pecola enlouquece porque a sua raiva é dirigida a si própria por ser negra e feia.. Uma comunidade pode apoiar e confortar, mas também pode rejeitar e machucar. Quando Pecola é estuprada pelo próprio pai e engravida, sua comunidade a despreza. Talvez, no final, o romance esteja pedindo que cada qual considere *como* e *o que* nós vemos como indivíduos e como sociedade. O deserto da sociedade de hoje só pode se tornar terra fértil novamente quando todos nós abirmos os nossos olhos para a realidade que nos cerca e, enxergando esta realidade, acreditar que somos capazes de fazer do nosso mundo um lugar melhor e bem mais belo para se viver.

CONCLUSÃO: BLACK IS BEAUTIFUL

Quando, na década de 60, os negros começaram a rejeitar o padrão americano de beleza branca e ter mais orgulho das suas origens africanas, esta atitude foi refletida numa nova maneira de se vestir, de fazer o cabelo, de se tratar fisicamente. Jovens afro-americanos adotaram nomes de origem africana e vestiram um tipo de roupa chamada “*dashak*” Tornou-se popular um estilo de cabelo chamado “*afro*”, que foi usado até por jovens brancos, encantados

pela novidade exótica. De repente, o *slogan* mais ouvido nos Estados Unidos foi “*black is beautiful*”.

Mas, o novo orgulho da sua raça foi além da beleza física. As escolas reorganizaram seus currículos a fim de ensinar aos seus alunos negros a história da raça africana, suas várias línguas e seus costumes. A beleza da arte produzida pela cultura afro-americana começou a atrair a atenção da nação. Um dos grandes exemplos disso foi a fundação de uma escola de balé em Nova York por um jovem afro-americano chamado Arthur Mitchell. Ele trouxe para sua escola crianças que tirou das ruas de Harlem (bairro negro) e ensinou-lhes novas danças baseadas no balé clássico europeu, acompanhadas do ritmo dos tambores africanos. Hoje a escola é conhecida internacionalmente como o *Dance Theater of Harlem*, e tem se apresentado no mundo inteiro.

Os noticiários de hoje nos mostram claramente que a questão de racismo nos Estados Unidos está longe de ser resolvida. Mas, uma coisa é certa. Os movimentos baseados no *Black Power* dos anos 60 mudaram para sempre a maneira do negro ver a si próprio. Hoje ele continua orgulhando-se das suas origens e fazendo-se presente na sociedade, na política, na educação, na literatura e nas artes. Que a beleza física continua sendo ainda hoje algo importante para a comunidade afro-americana se vê através da criação de vários sites na Internet que tratam deste tema. Por exemplo, existe um (www.urbanpark.com/hairstyles) que oferece uma apresentação de vários estilos afro-americanos de cabelos para homens e mulheres e, também, uma infinidade de produtos de beleza. Mas, a beleza interior vem se tornando mais importante ainda, como se pode verificar num outro site (www.beautifulblackwomen.com) que inicia seu *homepage* com as seguintes palavras: “*A mulher negra é a criatura mais preciosa que Deus colocou sobre a terra. Este site*

dedica-se a celebrar sua beleza, sua força, dedicação, espírito e inteligência; enfim a sua alma, através de palavras e imagens.”

Com certeza, não podemos terminar esta consideração dizendo que o sonho de Martin Luther King, Jr. já se realizou, pois este sonho é de um futuro onde a constituição americana será respeitada plenamente no que diz a respeito da igualdade de todos os homens e isto, infelizmente, ainda, não está acontecendo. Mas acreditamos que o fato de que hoje a comunidade afro-americana orgulha-se de si mesma, mantém viva sua auto-estima e continua lutando pelos seus direitos, é um sinal que nunca mais a imagem dela voltará a ser o que era quando Toni Morrison’s Pecola desejava ter olhos azuis para que os outros pudessem achá-la bonita e, eventualmente, aceitá-la como membro pleno da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELL, Bernard W. (1987) *The Afro-American Novel and Its Tradition*, The Massachusetts University Press, Amherst.
- BOURNE, Brian D. *Portrait of a Victim: Toni Morrison’s The Bluest Eye*. Informação sobre a publicação não disponível.
- FICK, Thomas H. *Toni Morrison’s Allegory of the Cave: Movies, Consumption and Platonic Realism. In The Bluest Eye*, Southeastern University Press. Outra informação sobre a publicação não disponível.
- MORRISON, Toni. (1994) *The Bluest Eye*, Picador Press, UK.
- O’CALLAGHAN, Bryn. (1990) *An Illustrated History of the USA*, Longman Press